

Estudo da Primeira Carta de João

J. G. Cunha



Cena do Calvário, com São João, Maria e Santa Maria Madalena aos pés da cruz, uma das imagens mais conhecidas de João, o Apóstolo.

Séc. XIX. Por Joseph Ernst Tunner, na igreja de Sant'Antonio Nuovo, em Trieste, Itália.

Sumário

Introdução à Primeira Carta de João	04
Quem escreveu esta carta?	05
Quem foi João?	06
Qual o assunto principal? Em que ano foi escrita?	07
Qual era o contexto?	08
Palavra-chave! Versículo-chave! Números da Carta!	11
Análise e Comentários	12
1 João 1:1-4 e 5-10	14
1 João 2:1-2 e 3-6	17
1 João 2:7-11 e 12-14	18
1 João 2:15-17	20
1 João 2:18-27	21
1 João 2:28-29 E 3:1-10	23
1 João 3:11-24	25
1 João 4:1-6	27
1 João 4:7-21 e 5:1-3	28
1 João 5:4-13 e 14-21	29
Questões de Reflexão	31
Bibliografia	32

Apresentação

Material de Estudo da Primeira Carta de João

Este material surgiu como um estudo pessoal para ministrar a aula sobre a Primeira Carta de João na Escola Bíblica da Igreja Metodista Congregacional. Por ser apenas uma aula de 50 minutos, achei interessante elaborar um material de apoio em formato de e-book para disponibilizar aos alunos que se interessarem em saber mais sobre a Primeira Carta de João.

Esclareço que este não é um estudo exaustivo e nem um comentário extenso, mas tenho confiança que ajudará o leitor a conhecer e entender melhor o conteúdo desta carta, o seu contexto e o seu autor.

É importante ressaltar que os comentários e interpretações apresentados neste e-book não são necessariamente as opiniões da liderança da Igreja Metodista Congregacional e que quaisquer erros e inconsistências teológicas e exegéticas, bem como os erros gramaticais que houverem nesta pequena obra, são de minha inteira responsabilidade.

O leitor encontrará os meus contatos no final deste e-book caso queira relatar algum erro, discordância ou sugestão de melhoria do conteúdo. Desde já quero agradecer a todos que vierem a separar uma parte do seu tempo para fazer isso. Críticas e retornos sobre este material são bem-vindos.

Com louvor e gratidão a Deus, desejo a cada irmão e irmã que permaneçam na comunhão com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo e faça minha as palavras do Apóstolo João: *“Escrevemos estas coisas para que a nossa alegria seja completa (1 Jo 1:4)”*.

Juliano G. Cunha
Belo Horizonte, MG - Janeiro 2024

Capítulo 1

Introdução à Primeira Carta de João

Capítulo 1

Introdução à Primeira Carta de João

Este documento do Novo Testamento tem o aspecto muito mais de uma dissertação sobre a fé e os deveres dos cristãos do que de uma carta. Não tem saudações ou citação de pessoas, não é endereça a alguém ou alguma igreja específica e não trata de particularidades de uma igreja, mas é considerada uma Epístola Universal que se aplica a igreja em geral.

Embora, não tenha destinatários identificados, ela é dirigida a três grupos específicos, a saber: Filhinhos, Jovens e Pais. Estes três grupos são assim nomeados na carta com a intenção de se referir a crentes com diferentes níveis de maturidade na fé, começando com os Filhinhos e terminando com os Pais.

Quem escreveu esta carta?

Não há nenhuma identificação direta na carta sobre o seu autor e nem para quem ela foi escrita. Tem sido reconhecida como carta circular do Apóstolo João às igrejas das proximidades de Éfeso, região da Ásia Menor, atualmente parte da Turquia. Num raio de 100 km de Éfeso, por exemplo, se encontravam as cidades de Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia, citadas no Livro de Apocalipse e que devem ter conhecido este documento.

As outras duas cartas (1 e 2 João) seguidas a esta na Bíblia, também são de autoria atribuída a João e se distinguem claramente como cartas de caráter particular que ele enviou a amigos e não para circular entre as igrejas.

São apontadas muitas semelhanças de ideias e de linguagem entre 1 João e o quarto Evangelho, que favorecem a autoria do Apóstolo João. De fato, esta carta bem pode ser vista como um suplemento do Evangelho de João.

Quem foi João?

João é um nome que significa graça ou favor de Deus. Ele era irmão de Tiago, ambos filhos de Zebedeu (Mt 4:21) e de Salomé, suposta irmã de Maria, mãe de Jesus (ver Mt 27:56 com Mc 15:40 e João 19:25). Sendo assim, João e Tiago, eram primos de Jesus, o que torna natural Jesus ter incumbido João de cuidar de Maria após a sua morte (João 19:25-27).

João seguia os negócios do pai e foi pescador de Betsaida, na Galileia, trabalhando no lago de Genesaré (Mt 4:18-21) até largar esse ofício para seguir a Jesus. Sua mãe era uma das mulheres que acompanharam e serviram a Jesus com os seus bens (Mt 27:56).

Acredita-se que João morou em Jerusalém com Maria, a mãe de Jesus, até que esta veio a falecer. E considera-se que João viveu solteiro e veio a falecer aos cem anos de idade, cerca do ano 100 d.C.

*Escrevi-lhes estas coisas, a vocês que crêem
no nome do Filho de Deus, para que vocês
saibam que têm a vida eterna.*

João 5:13

Qual o assunto principal?

Em João 5:13 o autor diz que o objetivo principal da carta é confirmar e reforçar a confiança no Evangelho que nos dá a vida eterna. Para alcançar esse objetivo, João trata de pontos essenciais do Evangelho e orienta os seus leitores a lidar com os falsos ensinamentos e heresias que surgiam nas comunidades dos crentes. Os pontos essenciais que João reforça são os seguintes:

- Jesus é o Filho de Deus, é o Cristo, e é Deus;
- Ele veio em carne (forma humana) e viveu e morreu com a natureza humana;
- Os que são de Jesus e tem comunhão com Ele e com o Pai, andam comprometidos com a santidade, com a justiça e com os mandamentos Dele;
- O amor de Deus e a Deus é o princípio maior para a vida dos crentes, que devem amar uns aos outros.

Em que ano foi escrita?

Não se sabe exatamente a data desta carta, mas é provável e mais aceito que seja do fim do primeiro século, mais provavelmente no ano 90 d.C.

Qual era o contexto?

É aceito que João escreveu esta carta a partir de Éfeso, cidade que passou a morar depois de um dos seguintes eventos: a morte de Tiago, seu irmão, assassinado por ordem de Herodes Agripa I, que foi rei de 41 a 44; a morte de Maria, mãe de Jesus, no ano 48 d.C, em Jerusalém, ou a destruição do Templo e da cidade de Jerusalém no ano 70 d.C. É mais provável que ele tenha vivido em Éfeso a partir do ano 70 d.C. quando o apóstolo Paulo já não atuava ali.

No primeiro e segundo século o que mais ameaçava a Igreja era o surgimento no meio dos cristãos de doutrinas estranhas ao Evangelho de Cristo. O Evangelho havia sido levado a muitos lugares e crescido muito entre os gentios, mas após pouco mais de 50 anos, muitas filosofias e sistemas de ideias tentavam se amalgamar a ele.



Ideias docetistas e gnósticas ameaçavam corromper o Evangelho e enganar os crentes. Estas influências malignas contra o Evangelho vinham, muito provavelmente, de supostos crentes gentios e gnósticos que se infiltravam nas igrejas, e não da oposição dos judeus.

O gnosticismo não é considerado um movimento organizado, pois não tinha uma causa unificadora e nem um líder apenas. Era uma variedade de movimentos de cunho espiritualista guiados por algum guru ou algum filósofo que alegava ter um conhecimento (gnosis) do mundo espiritual do caminho da vida. Esse conhecimento especial do mundo espiritual se tornou uma ameaça grave para os crentes porque defendia ideias que reformulavam o Evangelho de Cristo.

Certa forma de gnosticismo, por exemplo, ensinava que espírito e corpo são irreconciliáveis. Com isso, defendiam que o pecado reside apenas na carne (no corpo) e que ela não se sujeita ao espírito, pois o corpo faz o que quer. Também diziam que o espírito é superior ao corpo, é de elevado valor mental/intelectual e sujeito a profundas e arrebatadoras experiências místicas e espirituais.

Em geral, o gnosticismo ensinava que uma vida sensual e entregue a paixões carnis não seria problema para a pessoa também ter uma vida piedosa mística de elevado intelectualismo e fervor espiritual, pois o espírito não era contaminado pelo corpo.

As escolas gnósticas aceitavam ideias que se identificavam com o cristianismo apostólico, como a ideia da salvação,

a ideia de uma divindade suprema, e a ideia de uma horda de seres celestiais em atividade no universo. Esses pontos comuns podem ter aproximado os gnósticos do cristianismo e os levados a entrarem e participarem da igreja, principalmente durante o século II. Mas a presença deles visava influenciar e ajustar a base conceitual do cristianismo de acordo com as suas crenças gnósticas.

Como os docetas, os gnósticos tinham uma crença dualista do mundo dividido entre o bem e o mal, sendo o mal associado à matéria. Por isso, achavam um absurdo e uma perversão a ideia de um Deus-criador.

O gnosticismo negava a encarnação de Cristo na forma humana já que considera o mundo material maligno e inferior. E eles sustentavam que Jesus era homem só na aparência,

como um fantasma que tem forma humana, mas é incorpóreo. Dessa forma, eles transformavam a história humana da vida de Jesus em um mito.

Os gnósticos explicavam que a criação era divina, mas surgida de emanções de Deus. É como se Deus fosse o Sol emanando seus raios de Sol, ou seja, as emanções são extensões da natureza divina que dão origem a poderes sobrenaturais, que geram outros poderes inferiores que, por sua vez, criam todas as criaturas divinas. Nesta concepção, o Deus de Israel, não pode ser Deus, pois ele materializou toda a criação. O Deus de Israel, na visão do gnosticismo, não passa de um poder sobrenatural, mas inferior que emanou de Deus. Algo completamente incompatível com o Evangelho e com o próprio Jesus que é um com o Deus de Israel, o seu Pai.

Mas o gnosticismo interpretava o conceito judaico de Cristo, o Ungido, como um dos poderes enviado por Deus para vir libertar o homem da matéria. Portanto, o Cristo dos gnósticos não poderia ter contato com a matéria, não poderia ter nascido de mulher, ter encarnado na forma humana. Para eles, no batismo de Jesus de Nazaré o Cristo desceu para ele e se retirou dele no momento da sua prisão.

É interessante observar esse contraste em nosso mundo moderno onde se questiona a divindade de Cristo e aceita o Jesus histórico, o homem de Nazaré, enquanto na antiguidade, aceitavam a sua divindade e questionavam a sua humanidade.

“Em seu esforço de conciliar Cristo e o Evangelho com a ciência e filosofia de seu tempo, os gnósticos negaram a vinda do Messias e perderam o Evangelho. (SHELLEY, p. 60, 2004)”

“Que trágico teria sido se as ideias gnósticas tivessem prevalecido!

O embate contra a heresia do gnosticismo não foi fácil, mas com zelo e perseverança, a sã doutrina do Evangelho venceu a mentira e o engano.

Palavra-chave:

Conhecimento. Conhecer e saber são destaques nesta carta, possivelmente usada por causa do gnosticismo, pois gnosis é um termo grego que tem o sentido de conhecimento. As ideias do gnosticismo são muito combatidas na Bíblia, especialmente nos escritos de João, Pedro e Paulo.

Versículo chave:

Assim conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor. Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.1
João 4:16

Números da Carta:

Tem 5 capítulos e 105 versículos. Por 21 vezes Jesus é chamado Filho de Deus; 12 vezes Deus é chamado o Pai; 9 vezes aparece a palavra “verdade”. Por mais ao menos 40 vezes aparece os termos relacionados a conhecimento e saber.

Capítulo 2

Análise e Comentários - Parte 1

Capítulo 2

Análise e Comentários



Utilizamos a tradução da Nova Versão Internacional (NVI) para a leitura e transcrição de algum versículo. Embora não haja diferenças de interpretação com outras traduções da Bíblia, preferimos a NVI por sua linguagem mais contemporânea e leitura mais fluida.

Estabeleci divisões do texto de acordo com um tema predominante em um trecho para tentar organizar e facilitar o estudo. Procurei seguir os temas sugeridos na NVI e trabalhar com a menor divisão possível de cada trecho. No subtítulo de cada divisão do texto temos a referência aos versículos e o tema em destaque.

As análises e comentários foram feitos com o apoio de livros, dicionários e outros materiais citados nas referências bibliográficas. Há algumas poucas transcrições de textos destes materiais, mas não cuidei de fazer as devidas referências a elas.

1:1-4 – É o prólogo da Carta

Tem o aspecto de uma poesia. Começa com proclamações a respeito da Palavra da Vida.

Como o objetivo da carta é combater o gnosticismo, João se coloca como testemunha do que ouviu, viu com os próprios olhos, contemplou e tocou com as próprias mãos aquele que era desde o princípio (Jesus Cristo). João testemunha que Jesus é a vida que se manifestou, a vida eterna que estava com o Pai e nos foi manifestada em carne.

Falsos ensinamentos ameaçam a comunhão com Jesus e o Pai, então João escreveu esta carta para que cada crente seja devidamente conduzido a participar com ele desta comunhão e alegria com o Pai, com seu Filho Jesus Cristo e, implicitamente, com os discípulos do Senhor.

A Palavra da Vida ou a Palavra que dá vida se refere a Jesus e neste breve prólogo João já estabelece que a origem e a natureza de Jesus são tanto humanas quanto divina da mesma forma que fez no início do seu Evangelho.

1:5-10 – Andar na Luz

Como testemunha que viu e andou com Jesus, João compartilha algo específico que ouviu do Senhor: Deus é luz. Nele não há treva alguma. Certamente, João tinha na lembrança a poderosa declaração de Jesus: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andarás em trevas, mas terá a luz da vida” (João 8:12).

Treva e luz são dois lados bem distintos entre o mal e o bem, respectivamente. Deus é Pai das Luzes (Tg 1:17) onde prevalece a justiça, a verdade, a pureza e a Sua glória.

Quem anda na luz (está em Jesus) tem comunhão com Deus e uns com os outros da fé. Mas quem anda nas trevas (não está em Jesus), mente e não pratica a verdade se disser que tem comunhão com Deus.

Quem anda na luz (está em Jesus) é purificado de todo pecado por causa do sangue de Jesus (sua morte vicária), ou seja, temos comunhão com Deus não por virtude de nossa impecabilidade, mas por causa das virtudes de Cristo na sua morte vicária e expiatória.

Afirmar que não tem pecado pode ter dois sentidos e todos eles fogem da verdade:

- a) negar que se tem uma natureza pecaminosa, uma inclinação para o mal (hebraico: yetzer ra);
- b) estar convencido de que é perfeito e justo em seus atos, que não é pecador, como se via o jovem rico (Mt 19:20).

Andar na luz implica em confessar pecados, receber perdão de Deus para os pecados e ser purificado de todo pecado e injustiça. – Quando deixamos a luz de Deus brilhar em nossa vida, permitindo que nossos segredos sejam julgados por Deus, podemos ser purificados dos hábitos pecaminosos e nos tornarmos santos.

Um crente não deve pecar, mas nenhum crente está isento de pecar. O desafio de todo crente que anda na luz é resistir “ao pecado até o ponto de derramar o próprio sangue (Hb 12:4)”. Contudo, se falhar e pecar, o crente deve confessar seus pecados quando cometê-los, embora não pretendesse cometê-lo.

A palavra grega “*omologeō*” (reconhecimento, confissão) tem o sentido literal de “dizer a mesma coisa”. Confessar o pecado é dizer a mesma coisa que Deus diz sobre nossos pecados, ou seja, que são transgressões da Lei (Torá). É concordar com Deus e se arrepender para sermos purificados pelo sangue (sua morte) de Jesus dessa natureza pecaminosa. A confissão do pecado é mais do que uma declaração verbal, é uma ação de voltar-se plenamente para Deus (arrependimento ou hebraico: T`shuvah), confiante na morte expiatória de Jesus que nos dá perdão.

O trecho de 1:5 a 2:2 trata do relacionamento do crente tanto com o pecado em geral (a natureza pecaminosa) quanto aos pecados particulares. Três considerações são relevantes sobre isso:

- 1.) Devemos abandonar o pecado;
- 2.) Iremos pecar porque ainda estamos vulneráveis ao pecado;
- 3.) Mas nenhum crente tem o direito de desistir de lutar contra o pecado. – Ninguém é obrigado a ser perfeito em santidade (completar a tarefa), mas ninguém está isento de continuar trabalhando nela.

A comunhão com Deus mantém o crente num processo de purificação que vai formando nele a identidade de filho de Deus.

2:1-2 – Jesus Cristo nosso Intercessor

Dentre os três grupos de maturidade na fé para quem João escreve, o grupo dos Filhinhos parece ser a sua maior preocupação, pois devem ser os mais vulneráveis ao engano dos falsos profetas e mestres. Então, João escreve aos Filhinhos para encorajá-los a não pecar e, mais ainda, para encorajá-los a confiar em Jesus Cristo, o Justo (Hebraico Tsaddik, o Santo), e recorrer a Ele como intercessor (Advogado), caso peque.

Jesus é a propiciação (Hebraico Kapparah = expiação, redenção) que Deus aceita como justiça (aplaça a sua ira) pelos nossos pecados e também pelos pecados de todo o mundo. Tal propiciação de Jesus é a única eficaz para restaurar a comunhão com Deus daquele que pecou.

2:3-6 – Quem conhece a Deus, obedece a seus mandamentos

A palavra “conhecer” pode significar ter uma experiência íntima”. Conhecer a Jesus é ter uma experiência espiritual íntima com Ele que leve a obedecer de coração a seus mandamentos.

Conhecer a Deus e ter comunhão com Ele não é uma questão de intelectualismo, de capacidade mental ou intelectual de conceber e compreender o divino. O tipo de conhecimento e comunhão que o Evangelho de Cristo nos ensina é reforçado por João: quem conhece a Deus, confia Nele e se sujeita a Ele em obediência à Sua vontade, expressa nos Seus mandamentos. Sabemos que conhecemos a Deus, e outros também saberão que O conhecemos, se obedecemos aos seus mandamentos. E quem obedece a Palavra de Deus, tem o amor de Deus nele e está sendo aperfeiçoado neste amor.

Então, se alguém diz que conhece a Deus e tem comunhão com Ele porque tem um ensino intelectual sobre Deus, mas sem correspondente obediência ou coerência aos seus mandamentos, como faziam os gnósticos, sua afirmação é mentirosa e ele não é verdadeiro.

Jesus foi obediente a Deus (Hb 5:7-8), e quem O segue e afirma que permanece Nele, deve andar como Ele andou.

2:7-11 – Amar uns aos outros

João diz que tem um mandamento antigo para compartilhar, mas também diz que ele é novo. Como se trata do mandamento de amar seu irmão e não o odiar, realmente ele é antigo porque vem do tempo de Moisés: “amarás o teu próximo como a ti mesmo (Lv 19:18), mas também é novo porque veio de Jesus que elevou o mandamento ao ordenar: “amem-se uns aos outros como eu vos amei (João 13:34).

Retomando a ideia de andar na luz que foi dito anteriormente em 1:7, João ressalta que só quem ama a seu irmão é que está luz. E quem odeia seu irmão está nas trevas e anda nas trevas, estando numa condição de perdido e espiritualmente cego.

2:12-14 – Filhinhos, Jovens e Pais

João reúne os três grupos de diferente grau de maturidade na fé e fala coisas específicas para cada um deles, mas que servem para todos. Deste ponto em diante da carta, João se dirige mais vezes aos Filhinhos (2:18, 28; 3:7, 18; 4:4; 5:21), reforçando o cuidado especial com os novos crentes.

·Filhinhos (Novos na fé)

os seus pecados foram perdoados, graças ao nome de Jesus. Vocês conhecem o Pai. João está encorajando os novos convertidos, que estão frescos na alegria da salvação, a continuarem crescendo nessa nova vida com Cristo e na comunhão com o Pai. Eles podem ser os mais vulneráveis a serem enganados pelos falsos mestres e profetas, mas se permanecerem nesta graça viva que a pouco receberam não serão enganados.

·Jovens (Consolidados na fé)

por duas vezes diz que eles venceram o Maligno, e diz que são fortes e a Palavra de Deus permanece neles. João também encoraja aqueles que já foram consolidados (são fortes) na sua nova vida com Cristo, trazendo à memória deles que venceram o Maligno, ou seja, devem agir como campeões que continuam a se aprimorar nas virtudes de Cristo e na Palavra de Deus para continuarem vencendo e ajudarem outros a vencer todo engano das trevas.

·Pais (Maduros na fé)

vocês conhecem aquele que é desde o princípio. Mesmo os maduros na fé precisam de encorajamento. João cuida deles lembrando-os que eles têm uma história com Jesus e, por isso, é que são maduros, pois conhecem aquele que é desde o princípio. Sendo maduros, os pais devem ser exemplos para os filhinhos e os jovens, inspirando-os a conhecerem e se conformarem a Cristo.

Uma congregação saudável vive estas três gerações de crentes maduros. E vivem a comunhão e o amor uns outros entre estes três tipos de crentes: filhinhos, jovens e pais.

2:15-17 – Não amem o mundo

No contexto desta carta, João está se referindo ao mundo como um sistema sob o poder do Maligno (5:19), pelo qual são oferecidas muitas tentações para seduzir as pessoas de acordo com as suas paixões pecaminosas. Amar este mundo é incompatível com amar a Deus.

João aponta as três principais tentações que mexem com a cobiça humana neste mundo: a cobiça da carne (desejos da natureza do pecado/velha natureza); cobiça dos olhos (desejos de ver, sentir, obter); ostentação dos bens (desejo de poder, fama, status, realizações).

São três tipos principais de tentação vistos primeiro no Éden em Gn 3:6 – os desejos da velha natureza (árvore boa para se comer); os desejos dos olhos (agradável aos olhos); as exigências ou soberba da vida (tomou-lhe do fruto e comeu). Os três tipos são mostrados também com Jesus ao ser tentado pelo Diabo (Mt 4:1-11).

João alerta que tais cobiças são passageiras, pois elas vão passar e serão condenadas com este mundo Maligno, e ressalta que aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.

Não devemos amar este mundo das trevas e nem precisamos porque em Deus temos uma alternativa para esta ordem mundana e maligna das coisas.

2:18-27 – Advertência contra os anticristos

João pincela sobre um tema da escatologia que é o surgimento do anticristo, mas ele está mais preocupado em advertir contra os anticristos. João denomina de anticristos as pessoas que estavam entre os crentes, mas saíram deste meio, deixando de fazer parte ou permanecer com os crentes. O termo anticristo significa contra Cristo, então estas pessoas abandonaram a fé, mas também se tornaram contra Cristo. São pessoas que não eram verdadeiramente nascidas de novo, pois se fossem teriam permanecido na comunhão do Pai e do Filho e da comunidade dos crentes. E algumas destas pessoas se diziam cristãs e iam nas igrejas procurando ensinar falsamente em nome de Cristo doutrinas gnósticas que subvertiam a fé.

Na segunda carta de João (v10), o apóstolo orienta a não receber na Igreja os falsos mestres e nem se relacionar com alguém que traz um ensino distorcido e enganoso da fé em Cristo. Essa orientação não é contrária ao amor cristão, até porque a prática do amor cristão não significa que deva encorajar os inimigos da verdade.

Policarpo, discípulo do apóstolo João, conta que uma vez João foi ao local de banhos em Éfeso e lá encontrou a Cerinto, conhecido gnóstico da região. Imediatamente, o apóstolo decidiu sair daquele local dizendo: Vamos embora rápido antes que esse lugar desabe sobre nós. Cerinto, o inimigo da verdade está aqui dentro.

O espírito do anticristo consiste em negar e mentir acerca do Pai e do Filho. Os anticristos negam que Jesus é o Cristo e negam que ele veio como um ser humano. E João deixa claro que quem nega o Filho não tem o Pai, afinal, o Pai e o Filho são um.

A palavra anticristo não ocorre em nenhuma outra parte da Bíblia, exceto nesta carta e em 2 João 7. O termo anticristo se refere a um personagem humano que é contrário a Cristo e é identificado com o “homem do pecado” (2 Ts 2). O fato de João mencionar o anticristo implica que os seus leitores foram instruídos sobre o seu surgimento no fim do tempo.

Ele encoraja os filhinhos a guardar a Palavra da Vida que receberam e a permanecerem no Filho e no Pai porque neles está a vida eterna.

João anima os filhinhos a permanecerem na união que receberam de Jesus. Essa união se refere a estarem messianizados, trazendo a ideia de que estão ligados no Cristo Verdadeiro, estão ungidos Nele.

E o que João quer dizer com a frase “não precisam que alguém os ensine” é que eles já conhecem a Cristo da maneira que precisavam conhecer, pois Ele mesmo os ensinou. Então, os Filhinhos devem permanecer ungidos no Ungido (Cristo) e não dar atenção a aqueles que os querem enganar com mentiras a respeito de Cristo. Obviamente, os Filhinhos devem contar com a ajuda dos Jovens e dos Pais para aprenderem juntos com eles. Se João estivesse ensinando um individualismo na fé e dizendo que cada um deve aprender somente a partir de uma direta relação com Cristo, ele mesmo não poderia ensinar nada.

2:28-29 – Preparados para vinda de Jesus

João traz novamente um tema escatológico que é a vinda de Jesus! Jesus virá para concluir a redenção dos seu povo. Devemos estar permanecer nele e estar preparados para encontrar com ele sem ter nada do que se envergonhar diante dele.

Enquanto aguardamos a vinda de Jesus, devemos praticar a justiça do Reino de Deus, como testemunho de que somos filhos de Deus, nascidos em Cristo, pois é natural aos filhos de Deus respeitar a sua Lei.

3:1-10 – Filhos de Deus

João celebra o amor do Pai e o fato de sermos filhos de Deus! Ele ensina que somos filhos de Deus, embora não temos essa identidade formada plenamente em nós (ainda não se manifestou o que havemos de ser), mas no final seremos plenamente semelhantes a Jesus quando o virmos como Ele é (Rm 8:29-30). Essa é uma esperança que deve impulsionar cada filho de Deus a se purificar até a vinda de Jesus.

O pecado é a transgressão da Lei. Ao dizer Lei, João está se referindo à Torá. A Torá se refere aos cinco livros de Moisés que formam o Pentateuco no Antigo Testamento, mas é principalmente o conjunto de mandamentos, estatutos e ordenanças que Deus deu ao Seu povo para instrução sobre questões civis, comerciais, trabalhistas, sanitárias, de segurança, ecológicas e cerimoniais (festas, serviços dos sacerdotes e levitas), etc.

Torá é um termo hebraico que tem o sentido de Instrução, indicando que o objetivo dos mandamentos de Deus é a instrução ou formação de um povo. E Torá vem de uma palavra raiz que significa acertar o alvo, reforçando que a Torá (Instrução) foi dada para levar o povo de Deus a acertar o alvo de uma vida santa e que glorifica a Deus. Torá, portanto, vem dar instrução para levar o povo a não pecar, pois a palavra pecado, tanto no grego quanto no hebraico, tem o sentido literal de errar o alvo.

Jesus é a Torá viva que se fez carne. Ele nunca pecou e foi perfeito em toda a Torá. Ele se manifestou como Torá viva para tirar os nossos pecados e destruir as obras do Diabo. Em Jesus não há pecado. A Torá se cumpriu em Jesus e, agora, todo aquele que nele permanece não está no pecado, pois recebe da natureza santa de Cristo para vencer o pecado e tem o coração guiado pelas leis de Deus inscritas nele.

Deve-se entender que “não está no pecado” não isenta o crente de pecar, mas tem o sentido de não continuar pecando habitualmente, como alguém que quer pecar. O crente nunca deveria reservar alguma área da sua vida para continuar em práticas pecaminosas.

João reitera que aquele que pratica a justiça (v7) é justo. Essa expressão “pratica a justiça” significa “aquele que habitualmente faz”, ou seja, aquele que é praticante da vontade de Deus expressa na sua Lei (Torá).

A semente de Deus permanece no crente se refere à Palavra de Deus que foi plantada em nós quando recebemos o Evangelho de Cristo. Essa semente deve crescer e produzir frutos de arrependimento, de santidade e de maturidade.

Mas os que praticam continuamente o pecado, ou seja, os que transgridem habitualmente e por vontade própria a Lei (Torá) de Deus, são do Diabo, porque o Diabo vem pecando desde o princípio. A distinção entre os filhos de Deus e os filhos do Diabo fica evidente pela prática da justiça (Torá) de Deus e a prática do amor entre os filhos de Deus.

3:11-24 – Amor Fraternal

João continua sua carta reforçando a marca dos filhos de Deus: o amor uns aos outros.

Caim e Abel eram irmãos de sangue, filhos de Adão e Eva. Caim, por maldade, inveja de seu irmão e rebelião a Deus, odiou e matou a Abel (Gn 4). Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino como Caim. E nenhum assassino tem a vida eterna. O mundo sob o poder Maligno odeia os filhos de Deus e odeia que os filhos de Deus amem uns aos outros.

João mostra que o amor uns aos outros evidencia que passamos da morte para a vida, mas quem não ama permanece na morte, sem a vida de Deus.

O amor que os crentes devem viver é definido pelo exemplo prático de Jesus Cristo que deu a sua vida por nós. É o amor indicado pelo termo grego *agapao*, o amor sacrificial, sem interesse, que não pede nada em troca, e se doa por inteiro, com a própria vida a favor do outro.

João exemplifica como praticar esse amor: quem tem recursos materiais deve compartilhar com o irmão que está em necessidade. Este amor não deve ser só de palavras e intenções, mas em ação concreta. Não é sentimento, é ação! As obras na vida do crente expressam a sua fé e o seu amor.

Amar o próximo é a principal evidência da comunhão com Deus. Sobre este critério é que deve ser avaliada a nossa comunhão com o Pai e o Filho e nunca pelas nossas emoções (arrepios, choros, tremores, etc.); nunca por nossas atividades devocionais e serviços (na igreja, leitura e estudos bíblicos, orações, etc.); nunca por aquilo que de Deus recebemos (bens, emprego, dons, etc.)

João ensina a termos uma consciência aprovada com Deus, pois isso fortalece a nossa confiança diante de Deus para receber pela oração o que se precisa, pois quem pratica o amor está obedecendo e agradando a Deus.

Uma consciência aprovada diante de Deus não dá lugar ao autoengano a respeito da comunhão com o Pai e o Filho. O autoengano convence que:

- Ímpios são cristãos por causa de algumas boas ações;
- Religiosos são cristãos por frequentarem uma igreja, terem cargos nela, fazerem atividades religiosas;
- Cristãos não possuem salvação, pois ainda pecam.

João resume o mandamento de Deus num importante enunciado: Devemos crer no nome de seu Filho Jesus Cristo e devemos amar uns aos outros como ele nos ordenou. Jesus ordenou que devemos amar uns aos outros como ele nos amou. E o Espírito de Deus em nós testifica que estamos em Cristo e Ele em nós.

4:1-6 – Discernir os espíritos

João tem a preocupação de alertar os fiéis, especialmente os filhinhos, para que não sejam enganados ou não pequem. Em algumas passagens nos três capítulos anteriores ele disse: “escrevo-lhes estas coisas para que vocês não pequem” (2:1); “cuidem para que aquilo que ouviram desde o princípio permaneça em vocês” (2:24); “escrevo-lhes estas coisas a respeito daqueles que querem vos enganar” (2:26); e, “Filhinhos, não deixem que ninguém os engane” (3:7). Então, ele começa o capítulo 4 orientando os fiéis a examinarem os espíritos para verem se procedem de Deus e merecem confiança, pois há muitos falsos profetas e falsos mestres por aí.

João ensina critérios para considerar quem ou que procede de Deus. O teste para identificar pessoas vindas de Deus é avaliar como elas apoiam tudo o que a Bíblia diz, especialmente quanto a identidade de Cristo (reconhecem/confessam que Jesus veio e viveu em carne - em corpo de homem/humanidade de Jesus).

O docetismo[1] ensinava a heresia que Cristo era apenas espírito e que apenas tinha aparência de um ser humano. Eles consideravam que a carne humana é muito inferior para que o Filho de Deus se fizesse humano. Da mesma forma, na época desta carta, o gnosticismo disseminava o ensino que Jesus era somente Deus em espírito e não em carne (corpo humano). João combate esse ensino e declara que não procede de Deus, mas do anticristo. A mentalidade anticristo e anticristã está na cultura do mundo que jaz no Maligno.

[1] Vem de um verbo grego que significa “Parecer”.

João anima os filhinhos dizendo que eles já venceram tudo que é anticristo, pois o Espírito de Deus nos fiéis é maior do que esse espírito do anticristo. Quem vem de Deus, como os filhos de Deus, naturalmente conhece a Deus, ouve a Deus e ouve os que procedem de Deus.

4:7-21 e 5:1-3 – O amor de Deus

João volta à questão do mandamento de amar a Deus e uns aos outros. E ao fazer isso neste trecho, ele apresenta mais uma proclamação sobre Deus: Deus é amor e este amor consiste em que Deus nos amou primeiro e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.

João ensina que o amor de Deus é aperfeiçoado em nós quando amamos uns aos outros. Ele compartilha uma compreensão do amor de Deus com palavras inspiradas e inspiradoras: o amor está aperfeiçoado entre nós, para que no dia do juízo (a vinda de Jesus) tenhamos confiança e não medo.

No dia do juízo, os que permanecem no amor de Deus não temem castigo, pois confiam no Senhor e estão sendo aperfeiçoados nele. João, então, cita mais uma vez o mandamento do amor da seguinte forma: Quem ama a Deus (que não vê), ame também a seu irmão (que vê).

Por fim, João ensina que o amor a Deus consiste em obediência a Deus; em obedecer aos seus mandamentos; para quem ama, os mandamentos não são pesados, especialmente para quem ama a Deus. E quem ama a Deus, o Pai, ama o que dele foi gerado (todo nascido de Deus em Cristo Jesus).

5:4-13 – A vitória dos Filhos de Deus

João celebra a vitória dos fiéis sobre o mundo (a mentalidade/cultura anticristã). Os que confiam (tem fé) em Jesus como o Filho de Deus venceram este mundo anticristo. Essa vitória é exclusivamente por causa de Jesus Cristo, de quem saiu água e sangue, quando foi morto na cruz. Água e sangue, mencionados por João, também são referências a dois momentos reais que testificam que Jesus veio em carne (forma humana): o batismo de Jesus nas águas do rio Jordão e a sua paixão e morte na cruz, na qual o sangue de Jesus foi derramado.

Deus deu testemunho sobre Jesus no momento do seu batismo e também no momento da sua morte. Negar a Jesus é negar o testemunho de Deus e tratar a Deus como um mentiroso. O testemunho de Deus em Jesus é de vida eterna para compartilhar com quem crer.

5:14-21 – Considerações Finais

João segue até o final de sua carta trazendo ensino que oriente e encoraje os fiéis. Neste trecho final ele trata do relacionamento com Deus pela oração e também do relacionamento com pessoas da fé que estejam em falta em relação a Deus.

Quanto a oração, fica evidente no contexto da carta que ela farte parte da vida de quem anda na luz, obedece a Deus, ama a Deus e uns aos outros. Então, devemos orar com a confiança de que conhecemos a Deus e somos conhecido Dele, e saberemos pedir em oração de acordo com a vontade de Deus, e Ele nos ouvirá, nos dará resposta e nos ajudará sobre o que pedimos e precisamos.

Somos encorajados a orar pelos da fé que estão em pecado para que sejam restaurados. É importante lembrar que além de orar pelo irmão em pecado, devemos ir até ele. Quem ama seu irmão que comete pecado deve também ir até ele com compaixão e misericórdia (Jd 22-23) para argui-lo (Mt 18:15-17) e corrigi-lo (Gl 6:1) para que se arrependa (Is 5:19-20) e seja restaurado.

No contexto desta carta, o pecado que conduz a morte se refere à prática daqueles que deliberadamente escolheram negar que Jesus é o Filho de Deus, que é o Cristo e veio na forma humana, que não obedecem aos mandamentos de Deus e não amam os que são da fé em Jesus Cristo. Pessoas assim, obviamente, estão indo contra o Espírito Santo e blasfemando contra Ele, algo que Jesus disse que seria imperdoável (Mt 12:31-32). Eram crentes que, numa posição final e definitiva, deliberaram abandonar a fé apesar de terem experimentado o Evangelho e o Espírito Santo em suas vidas, conforme Hebreus 6:4-6 e 10:26.

Por fim, João volta a falar aos fiéis sobre não dar lugar ao pecado. Quando ele diz que Deus protege, isso significa que devemos nos sujeitar à proteção de Deus, mas também tem a ideia de que a santidade é uma proteção que temos contra o Maligno.

O Maligno não pode tocar os filhos de Deus porque não são mais escravos do pecado, eles não servem mais ao Maligno. O Maligno só toca no crente se Deus o permitir. O mundo está sob o poder do Maligno, mas Jesus veio e trouxe o Reino de Deus, nos deu entendimento e conhecimento da Verdade. Em Jesus temos a vida eterna.

A carta termina como se João ainda fosse abordar os Filhinhos com mais algumas dissertações. Ela parece que foi interrompida e assim chegou até a nós. Ele chama a atenção dos Filhinhos para se protegerem contra a idolatria: guardem-se dos ídolos (falsos deuses).

Muitos pensam em idolatria na sua forma básica e popular de imagens e objetos de veneração e culto. Mas é importante entender que idolatria é qualquer coisa que ocupa o lugar de Deus em nossas vidas, qualquer coisa ou pessoa, que não é Deus, e que está no centro da nossa vida.

Questões para Reflexão

- Você tem uma comunhão real com Deus? De que forma isso é evidenciado?
- Você pratica a verdade, a santidade e o amor com o próximo? Como?
- Como lidar com o pecado segundo o ensino desta carta?
- O que esta carta mais falou a você?
- Com qual grupo de maturidade da fé você se identifica? Por que?

Que sejamos como o apóstolo João que até o fim se dedicou ao amor!

Conta-se que na sua avançada velhice, estando fraco demais para andar, João era carregado até a reunião da Igreja e, ao falar, sempre dizia: “Filhinhos, amai-vos uns aos outros. É o mandamento do Senhor (Jerônimo (in Gal. VI, 10)).

Fale conosco sobre este material, sejam dúvidas, sugestões ou críticas:

E-mail: juliano.urias@gmail.com

Instagram: [@cunha_juliano](https://www.instagram.com/cunha_juliano)

Bibliografia

Bíblia Sagrada: *Nova Versão Internacional*. Editora Vida, 2007.

Bíblia de Estudo: *Palavras-Chave Hebraico e Grego (Texto bíblico Almeida Revista e Corrigida)*. 4ª Edição. CPAD, 2015

Atlas da Bíblia. Edições Paulinas, 1985.

MacNair, S. E.: *A Bíblia Explicada*. CPAD, 1993

Shelley, Bruce L.: *História do Cristianismo ao Alcance de Todos: uma narrativa do desenvolvimento da Igreja Cristã através dos séculos*. Shed Publicações, 2004.

Buckland, A. R.: *Dicionário Bíblico Universal*. Editora Vida, 1991.

Halley, Henry H.: *Manual Bíblico - Um Comentário Abreviado da Bíblia*. Edições Vida Nova, 1991.

Stern, David H.: *Comentário Judaico do Novo Testamento*. Editora Atos, 2008